

Às portas da morte, chegaram a ela as notas de um admirável canto de alegria.



# **Feliz Natal, Sra. Moring**

HENRY HURT

**D**ANNY MORING sentara-se para assistir ao noticiário das 23 horas no escritório de sua casa, em Charleston, Carolina do Sul. As crianças já estavam na cama, e sua mulher, Allyson, que se queixara de uma forte gripe, dormia do lado oposto da casa. Ela se sentia tão mal, com febre, arrepios, dores musculares e vômitos, que se isolara, para que o resto da família não pegasse seu vírus.

De repente, Danny ouviu um estranho ruído na cozinha. Correu para lá e viu Allyson caída no chão, em posição fetal. Arrastara-se do quarto até ali, e agora estendia os braços na direção dele, com o ros-

to distorcido pela dor: «Danny, ajude-me. Estou morrendo», disse com dificuldade, com os dentes batendo. «Estou mesmo.»

Danny ficou estupefato. Allyson, de 36 anos, gozara sempre de uma saúde invejável. O único senão fora uma operação recente a uma hérnia de disco na coluna. Na véspera, tinham ambos regressado com os filhos de um fim de semana de campismo, por ocasião do Dia de Ação de Graças.

Olhando para Allyson, Danny viu que a pele dos dedos das mãos e dos pés de sua mulher arroxeara. Levou-a então de volta para o quarto e discou o número de emergência. Em

seguida, acariciou seu cabelo molhado e escuro, colado ao rosto, apertando-lhe o corpo gelado contra o seu. «Nunca senti tanta dor», gemeu ela, chorando. «É como se eu tivesse alfinetes me picando todo o corpo.»

Minutos depois, quando a equipe de emergência chegou, não conseguiu tomar sua pressão. Allyson foi então colocada numa maca e levada para um hospital. De pé, na soleira da porta, Danny sentiu-se desfalecer quando a ambulância se afastou na noite. Por que exatamente ela?

Telefonou então ao pai, para que este viesse tomar conta das crianças, que dormiam tranqüilas. Via-as em seu pensamento, aconchegadas na cama, sem saber que o coração de suas vidas fora arrancado e levado para longe.

«ESTIQUEM essas línguas bem para fora», dissera Allyson Moring a seus alunos adolescentes durante o ensaio coral, poucos dias antes de adoecer. «Vamos fazer o aquecimento.» Depois, a Sra. Moring, como os alunos a chamavam, pôs a sua língua de fora, de uma forma exuberante, e liderou as vocalizações. A sala de música se encheu de horríveis sons guturais, misturados com risinhos nervosos.

«Agora estamos prontos!», disse ela, convencida de que as cavidades nasais se encontravam abertas, as cordas vocais alongadas e, talvez o mais importante, os egos nivelados pela risota. Após varrer aquelas 50 caras juvenis com seu olhar, ergueu os braços, e, a um sinal de suas mãos,

as vozes dos jovens soaram em doce uníssono.

Com sua boa disposição, essa mulher de olhos azul-acinzentados conquistara o coração dos alunos da escola secundária Bishop England. Eles adoravam vê-la estacionar no parque, com a cabeça volteando enquanto entoava *I Could Have Danced All Night*. Mesmo nos momentos mais intensos em que dirigia o coro, tinha sempre o rosto iluminado por um meio sorriso.

Desde os primeiros dias de sua existência que Allyson, a mais velha das cinco filhas de uma família de seis filhos, revelara um grande amor pela música. Começara a aprender piano aos 5 anos, passando mais tarde a ter igualmente aulas de canto. Como professora, achava que a música podia mudar as vidas para melhor, incentivando a evolução emocional e salientando todos os aspectos positivos da vida, tanto os mais sérios como os mais fúteis. Achava também que a música conseguia suavizar a vida em seus momentos mais difíceis. Em todos os sentidos, Allyson Moring era um apóstolo do poder da música.

Para o concerto de Natal de 1994, o grupo que dirigia ia tentar cantar uma das peças corais mais difíceis de toda a música, o coro «Aleluia», do *Messias*, de Handel.

Sua interpretação (difícil até mesmo para adultos) iria ser, caso corresse bem aos alunos, o momento culminante do recital. Logo a primeira nota teria de explodir das 50 gargantas em perfeita harmonia. De-

pois, as diversas partes teriam de se seguir umas às outras, numa cascata de sons, com novas vozes sobrepondo-se às outras em precisão requintada.

Durante 16 longas semanas, os alunos e alunas tinham ensaiado após as aulas, dominando seleções mais simples e lutando com a obra-prima de Handel. Ao longo de sua ausência (quando da operação nas costas), a Sra. Moring fora substituída por Katherine Allen, de 17 anos, uma finalista que tirara um curso de regência de coros. Mas Katherine, uma mocinha de parca compleição e longos cabelos louros, tivera dificuldades para dirigir um grupo tão grande. Convencendo-se de que falhara, decidiu continuar a cantar, mas deixar a direção musical de outras pessoas.

Allyson Moring voltou aos ensaios depois do sucesso completo que acabou sendo a operação, exceto por uma infecção provocada por estafilococos. Para combatê-la, prescreveram-lhe um antibiótico. O tratamento acabara no sábado do Dia de Ação de Graças e, algumas horas depois, ela caíra de cama com aquilo que acreditava ser uma gripe.

**AS** NOTÍCIAS que aguardavam Danny Moring à chegada ao hospital eram terríveis. O mais antigo inimigo da Medicina, a infecção sistêmica maciça, também conhecida por *sepsis*, instalara-se no corpo de sua mulher, que entrara em estado de choque séptico, no qual as bactérias vencem as defesas do corpo, os vasos san-

güíneos começam a falhar e os órgãos vitais vão deixando de funcionar. Chamando-o à parte, um médico aconselhou-o a chamar a família. As chances de Allyson sobreviver àquela noite eram escassas.

Perturbado por esse diagnóstico pessimista, Danny correu para casa. Lá, sentou-se à cabeceira da cama de Elizabeth, beijou-a delicadamente na testa e acordou-a com carinho.

«Cadê a mamãe?», perguntou a pequena. Seus olhos, confusos, revelavam agora ansiedade, e Danny percebeu sua cor: o mesmo azul-acinzentado dos de Allyson.

Mamã está no hospital», respondeu ele com lágrimas nos olhos.

«Ela vai morrer?», insistiu Elizabeth com a voz trêmula.

«Lizzie», respondeu-lhe o pai, «ela *pode* morrer, mas vamos pedir a Deus que fique conosco. Vamos rezar e rezar como nunca rezamos.»

Ao abraçar-se ao pai, Elizabeth irrompeu em pranto. Oraram em conjunto, com a voz infantil de Elizabeth pedindo a Deus que a mãe se recuperasse. Depois, Danny deitou-a. Agora, já com as luzes apagadas, a menina chorou agarrada ao travesseiro, até que o sono a acalmasse.

**NA** VOLTA ao hospital, entre os médicos que olhavam por Allyson estava seu pai, o pediatra Allen Harrell. Com a mãe e as irmãs da enferma como assistentes, Danny e o Dr. Harrell pegaram cada um numa das mãos de Allyson. Timothy Watters, o padre da paróquia em que os Moring residiam, também estava lá.

Os olhos de Allyson se abriram por instantes, contemplando sua família e o padre. Então, o pai lhe disse com ternura: «Allyson, querida, você está muito doente. Dar-nos-ia força a todos se o padre Watters lhe desse a extrema-unção.» E acariciou-lhe a mão gelada.

«Vou morrer?», perguntou Allyson.

«Querida», respondeu-lhe o pai, apertando-lhe carinhosamente a mão, «isto é para nos dar a todos forças para continuarmos.»

As lágrimas invadiram os olhos de Allyson, que os fechou. Então, o sacerdote tocou as palmas das mãos e a testa de Allyson com os dedos, unguendo-a com o óleo santo.

**K**ATHERINE Allen furou pelo corredor superlotado durante um intervalo na escola. De repente, deu com Jessica Boulware, que fazia parte do grupo coral dois anos abaixo dela. Pela expressão de Jessica, Katherine soube que algo de terrível se estava passando.

«Não é verdade», reagiu Katherine ao ouvir a novidade. «A Sra. Moring não pode estar assim tão doente!»

«Estou falando sério», respondeu Jessica. «Já lhe deram até a extrema-unção.» Sem fala, as jovens olharam uma para a outra, sentindo-se vazias e sós. Iria a Sra. Moring morrer? O que seria do concerto de Natal?

Na tarde seguinte, o grupo coral reuniu-se para falar sobre ela. Os relatórios médicos mais recentes eram péssimos. Seria quase impossível ter

tudo a postos para o concerto de Natal, para o qual já só faltavam dez dias. Mas, mais importante que tudo, que poderiam eles fazer naquele momento por ela?

Jessica Boulware teve uma idéia.

**A** INFECÇÃO de Allyson se agravava. De início, em seu delírio, sussurrara algo a respeito do concerto de Natal, dizendo a Danny que teria de se realizar. Mas depois perdeu totalmente a consciência e foi ligada a um ventilador pulmonar para manter-se viva. Seu corpo inchara de tal maneira com os fluidos tóxicos que os olhos deixaram de se ver.

Danny mantinha-se vigilante à cabeceira da mulher, quando dois colegas dela do Bishop England, Barbara e John McPherson, apareceram na UTI e lhe entregaram um cassette. «É dos alunos da Allyson», disse Barbara.

Danny colocou-a num pequeno aparelho e pôs para tocar. De repente, as vozes alegres de moças e rapazes entoando canções de Natal encheu o pequeno espaço.

Olhando fixamente para o rosto de Allyson, Danny rezou para que ela conseguisse ouvir aquelas vozes de que tanto gostava. Pois até o ritmo de seu próprio coração aumentou, ao ouvir o doce e elevado refrão de uma de suas canções preferidas: «*Do you hear what I hear?... Do you hear what I hear?*»

Enquanto Danny pedia a Deus que deixasse Allyson ouvir, os cantores começaram de repente o coro do «Aleluia». O que se passou a se-

guir espantou-o. As pálpebras dos olhos de Allyson mexeram e Danny sentiu um aperto da mão dela. Fixando seu rosto, pensou ver um esboço de sorriso tão entusiasmado como nunca vira.

Chorando de alívio, Danny Moring decidiu que tocaria aquele cassete vezes sem conta. Foi então que alguém lhe tocou no ombro. Era o pai de Allyson: «Danny», disse ele com cuidado. «Não posso deixar que você tenha ilusões. A Allyson não poderá sobreviver sem um milagre.»

Mas não houve milagre. A pneumonia instalou-se poucos dias depois e seu estado geral piorou ainda mais.

«O cassete fez a Sra. Moring sorrir!», exclamou uma moça, quando Katherine entrou na sala de música no dia seguinte, e a faísca da esperança incendiou os alunos. «Não é possível *não* termos nosso concerto», afirmou Jessica. Mas quem os dirigiria? Todos os olhares se voltaram para Katherine Allen. «Nem pensar», escusou-se ela. «Não sou capaz.»

Os esforços para encontrar um substituto fracassaram. Uma noite, Katherine ficou conversando com sua mãe até a 1 da madrugada. Vezes sem conta, a jovem insistia: «Não sou capaz de reger.» Mas não conseguia parar de pensar na Sra. Moring. Recordou-se então da poderosa inspiração que a professora conferia àquele grupo coral, e a enorme satisfação que sentiam quando ela os liderava até o limite de suas capacidades interpretativas.

Na manhã seguinte, anunciou aos pais: «Resolvi fazê-lo.»

**O**S ENSAIOS recomeçaram. Perfeccionista que era, Katherine mostrava-se exigente com o tom, o ritmo e os solistas. Mas o desafio maior era manter as vozes em uníssono para o coro do «Aleluia». «Não consigo que os altos não destoem», queixou-se Katherine aos pais, frustrada. «Não consigo perceber como evitá-lo.» Seu sono passou a ser perturbado por pesadelos sobre o fracasso — algo que, como ótima aluna que era, raramente experimentara.

Os ensaios foram também perturbados pelas más notícias vindas do hospital. Cada vez que chegavam, alguém irrompia em soluços. Katherine estava morrendo de medo.

**N**O DIA 8 de dezembro, a magnífica Igreja Episcopal da Graça, em Charleston, abriu suas portas para o concerto de Natal de Bishop England. A notícia correra acerca dos alunos que queriam cumprir o sonho da professora, e os bancos e o átrio encheram-se com mais de 500 pessoas.

Em outra parte da igreja, Katherine e o coro ensaiavam as partes mais difíceis uma última vez. Por fim, a jovem pediu silêncio. «Vamos rezar juntos pela Sra. Moring», comunicou, «e depois vamos lá para dentro fazê-la orgulhar-se de nós.» Enquanto liderava o grupo no pai-nosso, ouviu soluços, lutando ela própria para se conter. Dirigiu-se a seus colegas então mais uma vez: «Não podemos ser sentimentais», insistiu.

«Daríamos cabo do concerto. Repitam muitas vezes 'Isto é pela Sra. Moring, isto é pela Sra. Moring.' Terá de ser nosso melhor concerto de sempre.»

No interior escurecido da igreja neogótica, o coro, transportando velas e cantando *O Holy Night*, passou ao lado dos bancos. Quando os cantores chegaram ao altar, as luzes se acenderam. Katherine conseguiu distinguir a família da Sra. Moring nos bancos da frente, com rostos onde brilhava a mesma esperança que os elementos do coro sentiam.

Aprumando-se, a jovem fixou o público e informou que a pessoa que os dirigia se encontrava gravemente enferma. «Dedicamos este concerto à Sra. Moring, na esperança de que se recupere», acrescentou.

Virou-se então para os colegas e, em grande estilo, começou sua atuação. Enquanto as vozes entoavam as canções natalícias tradicionais, sua confiança ia aumentando. Mas havia algo que continuava a perturbá-la: «Conseguirei manter suas vozes juntas até a peça final?»

Quando a poderosa abertura do refrão do «Aleluia» irrompeu do órgão, Katherine inspirou bem fundo e levantou os braços. Fez-se uma pausa aterradora. Baixou-os então, abertos, e deu-se uma explosão de vozes, todas muito certas, animadas e confiantes. Os alunos da Sra. Moring iam buscar sons tão puros que o longo *crescendo* de «aleluias» de Handel parecia elevar-se até os céus, tocando ouvidos e corações com o som do próprio Céu.

Quando por fim se fez silêncio, o público ergueu-se em aplausos. Pessoas choravam, enquanto outras abraçavam os cantores. Exausta, Katherine sentiu alguém segurá-la pela cintura: era Elizabeth, a filha dos Moring, que a abraçava com toda a força. Olhando para os olhos azuis-acinzentados dela, Katherine sentiu-se invadida de alegria.

**N**ESSA mesma noite, a cerca de 1 km dali, Danny Moring encontrava-se sentado, segurando a mão da mulher e com o cassete com gravação dos alunos dela ainda tocando. A situação de Allyson continuava desesperadora. Danny não sabia sequer se a notícia do sucesso do concerto chegara ao subconsciente dela.

Mas, aos poucos (e incrivelmente), nos dias que se seguiram, seu organismo começou a se estabilizar e os pulmões e os rins a funcionar. Era o início da recuperação.

Na manhã de Natal, apenas 17 dias após o concerto, Allyson já se encontrava calmamente sentada na sala de sua casa. Robert, o filho bebê, mexia-se em seu colo, enquanto Elizabeth ia buscar presentes na árvore. Allyson estava esquelética e exausta, mas seu rosto apresentava um sorriso radiante.

O porquê de sua recuperação, ou mesmo quando se teria dado a virada, não era importante para ela. O principal é que sua longa e torturante provação foi preenchida com música. «O que recordo é música, música e música, a linda música e as vozes que eu adoro.»

Pouco depois do regresso da professora a casa, Katherine Allen, Jessica Boulware e vários outros elementos do grupo coral bateram-lhe alegremente à porta. Levavam-lhe presentes e flores. Quando as moças e a Sra. Moring se abraçaram, houve uma explosão de sentimentos, e Allyson disse-lhes o que já dissera a muitos: que tudo aquilo por que passara tinha fortalecido sua crença no poder de Deus através da música e da oração, bem como nas capacidades maravilhosas da gente jovem.

Hoje completamente recuperada, Allyson Moring ocupa-se com os retoques finais do concerto de Natal de Bishop England para este ano. «Deus quer que eu esteja aqui», afirma, «o que é uma ótima razão para viver.»

Se a mais preciosa das dádivas de Deus é a vida, os Moring conseguiram uma bênção tão especial para eles como a recuperação de Allyson: mais um bebê, que lhes nasceu em outubro, chamado Jonathon Tucker.

Feliz Natal, Sra. Moring.

FOTO: © DE DANIEL MACDONALD/STOCK SHOP

---

## **Atentamente**

UM CARTAZ perto da recepção da Faculdade de Teologia de Iliff, em Denver, dizia: «*O Corpo de Deus* está na livraria.»

Por baixo, escrito à mão, estava o seguinte: «A polícia está investigando.»

— Donald L. Helseth, EUA

QUANDO as tempestades provocaram grandes enchentes em Lambourn, meu bar foi um dos atingidos.

Com grande esforço, tiramos as carpetes estragadas e limpamos a lama.

Antes de abrirmos, à noite, apareceu na porta o seguinte letreiro: «Por favor, limpem os pés antes de saírem.»

— J. Adams, em *Daily Mail*, Londres

A ESCOLA Cristã Great Falls, em Montana, tinha uma forma de vestir rigorosa. Fazendo os preparativos para um retiro de fim de semana, o pessoal da escola afixou uma lista de diretrizes para um vestuário apropriado. O último parágrafo dizia: «Os maiôs devem ser decentes.»

Por baixo dessa frase, alguém escreveu: «Isso significa nada de buracos nos cotovelos ou nos joelhos.»

— Mark Farris, EUA

QUANDO estacionei meu carro à noite, em Nova York, retirei o rádio como precaução anti-roubo. Além disso, deixei na janela um recado que dizia: «Não tem rádio, não tem valores, não tem nada na mala.»

Na manhã seguinte, encontrei o vidro partido; rabiscadas no meu recado estavam as palavras: «Só para conferir.»

— Mark Segal, Canadá